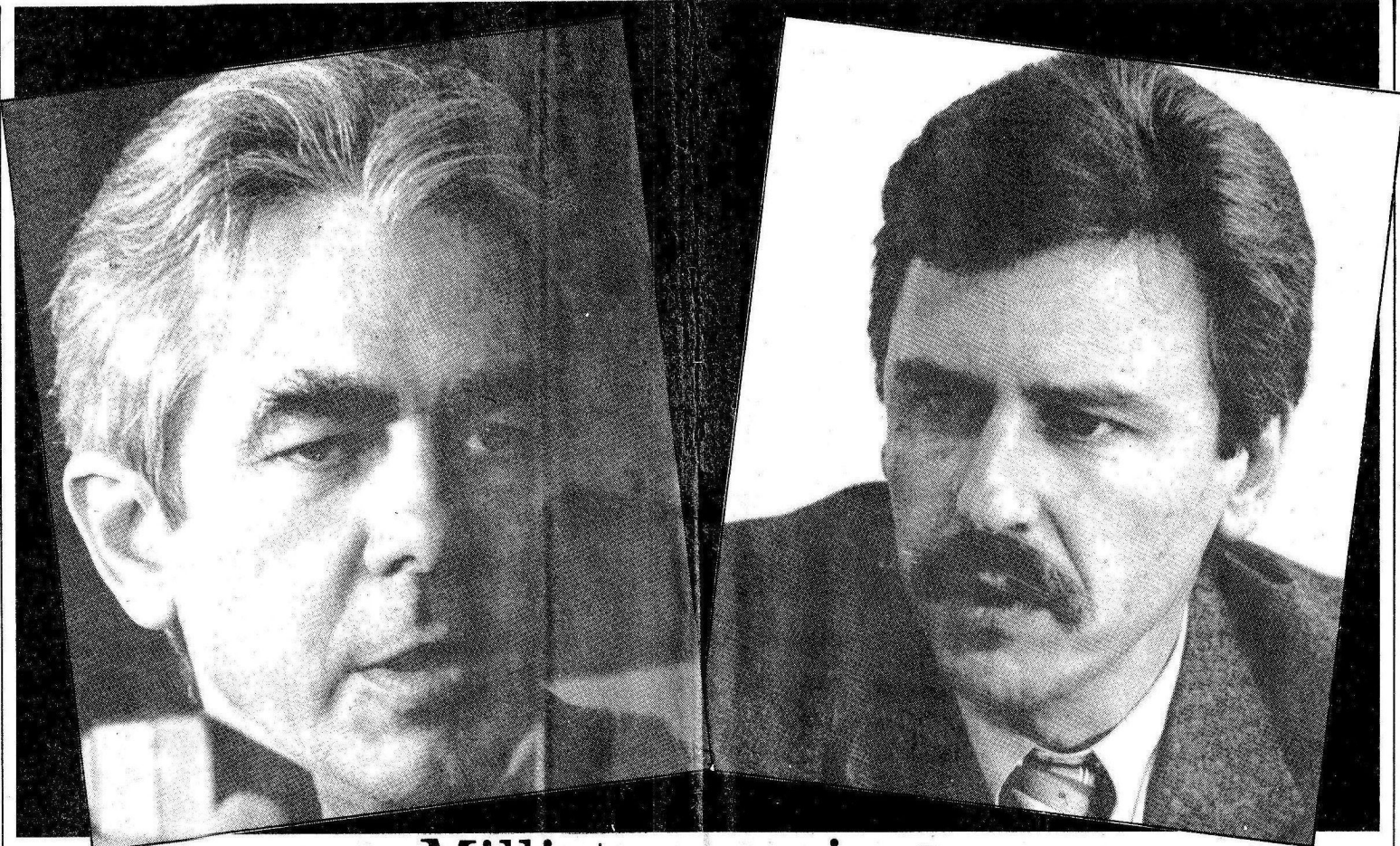




Milliet: negociação ou crise internacional.

O presidente do Banco Central defende reestruturação da economia mundial

Se não houver uma reestruturação geral da economia mundial, com soluções negociadas e equilibradas entre países credores e devedores entre as principais nações industrializadas e os países em desenvolvimento, haverá o risco de uma grave crise, com recessão e desorganização geral do mercado, tornando ainda mais difícil o problema da dívida.

Foi o que afirmou ontem o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, ao abrir em Brasília a 24ª Reunião de Técnicos de Bancos Centrais da Continente Americana, que irá até sexta-feira.

"Há mais riscos que oportunidades no momento, mas a adoção de posições racionais e não emocionais pode resolver a crise", afirmou ainda, prevendo todavia "turbulências" para os próximos dois anos.

O crash da Bolsa, segundo Milliet, é um "ponto de ruptura" que mostra uma crise profunda que já havia apresentado uma fase aguda em 1982, quando se explicitou a falta de capacidade de pagamento dos devedores. Desde o final da década de 70, continuou, os países em desenvolvimento foram alijados dos empréstimos voluntários, que foram carregados preferencialmente para os Estados Unidos, que vinham aumentando seu déficit interno e o comercial.

O mercado passou, assim, de excesso para falta de liquidez, com elevação brutal das taxas de juros, os países mais poderosos forçando os em desenvolvimento a adota-

rem modelos recessivos, na expectativa de voltarem ao mercado voluntário, o que não aconteceu, revelando uma face ainda mais cruel, a de que o custo social, tecnológico e econômico deste modelo não foi compensado, disse.

Ou as economias em choque encontram uma solução de consenso, equilibrada e satisfatória para todos, ou o reordenamento da economia mundial virá de forma abrupta, na figura de uma crise internacional profunda, com recessão e desorganização geral do mercado, afirmou o presidente do Banco Central.

Pagamento Simbólico

Milliet reafirmou no início da tarde de ontem que o Brasil poderá fazer um depósito, no Banco de Compensações Internacionais (BIS) da Basileia, Suíça, ou no Banco Mundial, como gesto de boa vontade para a continuidade das negociações com os bancos credores, que se desenvolvem nos Estados Unidos. Condicionou esse depósito, em volume não especificado, a uma contrapartida dos bancos credores.

Esses depósitos bilaterais, segundo Milliet, significariam, na realidade, um acordo parcial para a dívida, evitando a reclassificação do Brasil pelas agências oficiais norte-americanas, que começaram a reunir-se ontem para examinar este e outros problemas. "Não creio que o Brasil seja o nº 1 da

pauta", afirmou Milliet, que espera até a próxima semana um acordo com os bancos e, até o final do ano, uma solução mais abrangente e a longo prazo para a dívida brasileira.

"Não há uma data fatal", insistiu Milliet, ao acrescentar não haver ainda uma forma definida para estes depósitos, nem estar mesmo acertado o montante. O presidente do Banco Central afirmou também que não acredita que os Estados Unidos venham a declarar o crédito fornecido ao Brasil como desvalorizado, pois obrigaria os bancos credores a aumentarem suas reservas.

Isto poderia acentuar a crise provocada pelo crash, que já fez com que o governo tivesse que socorrer os bancos com recursos absolutamente acima dos padrões norte-americanos.

Milliet apontou a crise do mercado secundário dos EUA como mais uma evidência de que as teses brasileiras a respeito da economia mundial estavam certas, e disse que é fundamental para os países em desenvolvimento manterem o crescimento. Já há, hoje, uma maior compreensão sobre este aspecto da economia, segundo Milliet, que disse faltar uma liderança de peso internacional para propor e defender uma solução harmônica para a crise e que não esfale as economias em desenvolvimento, o que prejudicaria, de forma imediata, também o mundo industrializado.